

Memórias discentes e autoavaliação docente: reflexões sobre a educação e a prática educativa.¹

Memorias del alumno y autoevaluación del docente: reflexiones sobre la educación y la práctica educativa

Student memories and teacher self-assessment: reflections on education and educational practice

Flávia Cavalcanti Gonçalves²

Resumo

Este texto se constitui de memórias discente e autoavaliação docente, a partir da análise qualitativa de textos recolhidos ao longo de seis anos na disciplina Didática em dois cursos de Licenciatura em Letras, escolhidos de forma aleatória e analisados de maneira qualitativa o que, reflete sobre a prática educativa. Escrito em primeira pessoa, o trabalho apresenta reflexões sobre a educação, através da solicitação aos alunos/alunas da construção de um texto híbrido no qual as memórias escolares são revisitadas a partir dos materiais de estudo, impressos e audiovisuais estudados em sala de aula.

Palavras-Chave: Prática Docente; Narrativas; Memórias Discentes; Didática.

Resumen

Este texto consta de memorias de los alumnos y autoevaluación del docente, a partir del análisis cualitativo de textos recogidos a lo largo de seis años en la disciplina didáctica en Licenciatura en Letras, elegidos al azar, analizados cualitativamente, reflexionando simultáneamente sobre la práctica educativa. Escrito en primera persona, el trabajo presenta reflexiones sobre educación, pidiendo a los alumnos que construyan un texto híbrido en el que se revisen los recuerdos escolares del estudio, materiales impresos y audiovisuales estudiados en el aula.

Palabras clave: Práctica; Docente; Narrativas; Memorias del Alumno; Didáctica.

Abstract

This text consists of student memories and teacher self-assessment, based on the qualitative analysis of texts collected over six years in the Didactics discipline in two courses of Licentiate degree in Letters, chosen at random and analyzed in a qualitative way, which reflects on the educational practice. Written in the first person, the work presents reflections on education, by asking students to build a hybrid text in which school memories are revisited from the study, printed and audiovisual materials studied in the classroom.

Key words: Teaching Practice; Narratives; Student Memories; Didactics.

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² “Mestra em Educação: formação de professores; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; membro Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas /UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; flaviacg@uems.br.”

1. Introdução

Este trabalho se configura como recorte da docência, no caso escrito em primeira pessoa, relata e analisa avaliações por mim recolhidas. Pretende contribuir na publicização de um exercício sobre o pensar: pensar a escola a partir da condição do estar licenciando e do quem sabe, futuro(a) professor(a). O livro organizado por Mignot e Cunha (2003), *Práticas de memória docente*, levou-me a repensar os instrumentos avaliativos que utilizo ao lecionar a disciplina Didática em diversos cursos de licenciatura no meu percurso da docência no Ensino Superior. Passei a incluir uma atividade na qual *memórias discentes* estão presentes no texto a ser elaborado. Fui modificando a atividade e nos últimos oito anos, 2012-2020, solicito aos discentes que ancorado em textos, filmes, documentários e debates realizados, produzam um texto no qual ele/ela faça o exercício memorialístico sobre seu percurso pela escola.

Ao realizar a atividade solicito que elabore uma reflexão sobre a escola que vivenciou e o professor/professora que pretende ser, um exercício de sonho, seja um sonho tangível, seja uma utopia. Outrossim, lembrando a(s) escola(s) pelas quais passaram enquanto e na condição de estudante da Educação Básica, e se constituindo professor/professora, contudo ainda estudante na categoria de acadêmico/acadêmica. Olhar a escola através das reminiscências e dos conteúdos estudados e debatidos, como observador externo, podendo extrair deste exercício, reflexões que possam contribuir para o alcance do sonho que, considerando as potencialidades, os limites, os espaços, o tempo histórico e as condições de trabalho, poder quem sabe ir um pouco além, nas bordas do utópico.

Neste trabalho, faço um recorte do material recolhido e analiso algumas categorias que estão presentes no mesmo, entrecortando com bibliografia pertinente, utilizando recursos da análise do conteúdo em uma proposta qualitativa. Nos excertos foram subtraídas as menções a(aos) professores(as), instituições escolares registradas pelos alunos(as), bem como o nome dos mesmos. São 65 textos, referentes aos anos 2012 2013, 2014, 2017, 2018 e 2019, de trabalhos recolhidos nos cursos de Licenciatura em Letras, escolhidos de forma aleatória. Nos anos de 2015 e 2016, assumi a coordenação de um curso de licenciatura e não lecionei nos cursos de Letras da Unidade Universitária de Campo Grande – UUCG, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

2. Memórias na educação

As narrativas biográficas em cursos de formação inicial ou continuada de docentes, como um instrumento de reflexão sobre a prática docente ou sobre os “tempos de escola” tem sido utilizada por professores, pesquisadores e cursos, seja na forma de portfólios, memoriais de finais de cursos e/ou textos iniciais como instrumento para avaliação diagnóstica, compartilhadas ou não entre os pares, que realizam a escrita de si. Algumas vezes os proponentes da atividade elaboram perguntas como uma entrevista, que neste caso é respondida através da produção textual a ser elaborada; em outros modelos é solicitada que a redação seja feita a partir de um tema, como por exemplo: Como você foi incentivado a ler?

Nas narrativas se verifica o componente do imaginário, como frisa Josso (2004, p. 263-264). “As narrativas de histórias de vida usam uma linguagem racional e, na maioria das vezes, convencional, mas a interpretação narrativa e espontânea do itinerário de vida comporta uma dimensão imaginária, porque se trata de uma releitura do passado”. Ao solicitar a produção do texto, no qual as narrativas autobiográficas, os tempos escolares são revisitadas pela lupa ou lupas dos materiais trabalhados em sala, objetivei a iniciação de um exercício de análise, não apenas voltar ao passado distante ou próximo, conforme o sujeito, porém procurar redigir suas memórias escolares, pensando no ontem, no hoje e no amanhã, como esta reflexão pode contribuir na sua formação docente. Brandão (2000, p. 451) afirma que:

Fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos estão constantemente criando em nós e fazendo conosco.

A respeito de narrativa autobiográfica Catani et al (1997 In: Santos 2013. p. 50), argumenta que “[...] pode ser considerada uma oportunidade privilegiada de tomada de consciência e reflexão pessoal para o futuro docente [...]”. Catani complementa: “A partir da história de seu processo de formação, o indivíduo poderá construir uma narrativa que o ajude a enfrentar os dilemas educativos em sua formação e no exercício de sua profissão” (et al., 1997 apud CAMPOS, p.51).

Neste sentido procuro promover a reflexão sobre o “pensar a escola” em diferentes vieses, através de autores, vídeos e documentários. Através das histórias escolares de cada um, através da tentativa de se colocar no lugar de, do professor e da professora que ensina na educação básica nos níveis e modalidades nas quais eles e elas serão certificados para atuar.

Diversificando as “âncoras” para auxiliar no processo de rememoração, todavia, friso que não foi uma atividade exclusiva de resgate de memórias.

O processo de rememoração se torna, muitas vezes, mais rico quando o caminho da abordagem se faz através de um processo diversificado de relembrações, através do qual a chave para alcançar visões, opiniões, análises sobre o passado surge de forma inusitada, já que a abordagem direta de um determinado assunto, acontecimento, nem sempre desencadeia um processo de relembração. (BOSI, 1983 p. 333-336 *Apud* MONTENEGRO, 1998, p. 22)

Foi um fenômeno corriqueiro que ao solicitar a atividade, vários discentes se posicionaram com as seguintes expressões: “faz muito tempo”, “não lembro muita coisa”, “que difícil”, orientei os grupos que a redação deveria ser construída aos poucos, que teriam tempo de redigir o texto, uma vez que explico a atividade no início das aulas da disciplina..

Ao adentrar em uma sala me deparo com um grupo diverso, isto é sabido, nenhum grupo discente é homogêneo. Faixas geracionais, gêneros, etnias, crenças, culturas, e uma variedade de escolas nas quais eles/elas estudaram, com metodologias, arquiteturas, grupo de professores, gestão, currículos, serviços diversos. Em sala o grupo torna-se acadêmicos/acadêmicas, entretanto, enquanto sujeitos históricos, possuem marcados em seus corpos o seu ser e estar no mundo, possuem *grafias=narrativas*.

O professor Bessa-Oliveira (2018), vêm construindo a partir da sua docência no ensino da arte, o conceito de *biogeografias*, tendo como “[...] ponto de partida as experiências do *bios* – sujeitos, *geo* – espaços, *gráficas* – narrativas, portanto, *biogeográficas* particulares dos seus grupos de alunos/indivíduos nos espaços de formação [...]” (p.135) , seus estudos têm como fundamento primário, a teoria descolonial , defende uma epistemologia da fronteira sul, mas que não estão restritas ao espaço, a história sul-mato-grossense, Bessa-Oliveira pontua em conjunto com Nolasco (2017) que é necessário deixar de inscrever a :

[...] Arte, a Educação e a Cultura em lugares desconhecidos, necessitamos reconhecer o —nosso mundo, ou os nossos muitos mundos; o lugar de onde falamos ou produzimos arte e conhecimentos, para ser mais preciso, e, por conseguinte, necessitamos compreender que cada um dos nossos alunos tem uma compreensão desse mundo pautada em seu universo particular. (BESSA-OLIVEIRA, NOLASCO, 2017, p. 888)

As narrativas redigidas e transpassadas pelos conteúdos trabalhados em sala, são ricos das grafias de cada um/uma dos discentes, alguns mais detalhados outros menos, parafraseando o texto de Catani e Vicenti (2003, p. 149, In: MIGNOT e CUNHA) , *Minha vida daria um romance: lembranças e esquecimentos, trabalho e profissão nas autobiografias de professores*, os textos dos discentes dariam um romance, uma cena, um espetáculo! No texto das autoras

supracitadas é possível constatar as dificuldades do início da docência, nos textos dos discentes emergem as dificuldades de estudar e do acesso à escola, o preconceito, o sentimento de não-lugar, o sentimento de não-pertencimento e também as reflexões sobre as alegrias na escola e o vir a ser docente.

Alguns acadêmicos(as) colocaram títulos para seus textos, que prenunciou as leituras, tais como: “Três mudanças: a vida escolar de alguém que passou por uma escola municipal, estadual e privada”; “As inesquecíveis memórias escolares”; “escola em um panorama além da Sala de aula”; “Contexto escolar: paralelos, vivências e experiências”.

3. Os discentes

A diversidade geracional se evidencia nos textos, os discentes adentraram na escola a partir de 1970. Em alguns textos inferimos a faixa etária, como no trecho transcrito abaixo, conservando a grafia da autora.

As vezes quando estou em sala de aula, me sinto como em um palco, representando um papel que nem sei qual é... Por que a aluna está uns trinta anos atrasada, e a esposa, a mãe e a avó também fazem parte dessa mesma pessoa, desse mesmo pacote, que sou eu o que torna as vezes tudo muito pesado...Por isso estou vivendo um dia de cada vez. (Relato de uma aluna)

Os discentes nasceram em locais diversos nos textos emergem, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Pará, Rondônia, Maranhão, Rio Grande do Sul, Bolívia, Paraguai. Alguns moraram durante a infância em fazendas, outros(a) vieram morar em Campo Grande – MS devido ao processo do SISU, há o registro da chegada ainda enquanto crianças e diversos motivos vão sendo relatados. Existe também àqueles que moram em municípios próximos e fazem o trajeto para Campo Grande - MS, apenas no horário das aulas.

Há a predominância dos nativos da fronteira sul, inclusive com acadêmicos nascidos no Paraguai e na Bolívia, os demais locais de nascimento estão devidamente registrados em um número significativo nos trabalhos, rememorados em boas e más lembranças. Nos textos também é possível observar o que afirma Freire (1992, p.11-12) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (...)”, a afirmação de Freire é revisitada por Bessa- Oliveira e Nolasco (op. cit.) estas leituras de mundo os leva a

compreensão dos mesmos, pautados pelo universo particular dos alunos e os professores necessitam compreender esta questão³.

Nos textos há o registro da passagem por escolas públicas e privadas, no campo e na área urbana, em salas multisseriadas e em salas de Educação de Jovens e Adultos, em escolas indígenas e no que consideram escolas “boas” e escolas “ruins”. A maioria dos alunos estudaram em escolas públicas, durante toda sua formação na Educação Básica ou parte da formação, este dado vai ao encontro da estatística da UEMS. Nos excertos transcritos ao longo do texto, professores, instituições escolares e discentes, não são nomeados.

Passei por diversas escolas particulares e públicas, em diferentes cidades e estados, ao longo de minha vida [...]. (Relato de uma aluna)

[...] A escola era construída com madeiras. Apenas duas salas de aula, uma para a primeira e segunda série e outra para a terceira e quarta séries, onde crianças das mais variadas idades se ajuntavam movidas por interesses diversos; o corpo docente era composto pela professora [...] e sua filha que ainda cursava a escola normal, mas se esforçava para nos transmitir os conhecimentos que havia adquirido. Os conteúdos não eram bem definidos, mas me lembro que seguíamos à risca a cartilha ‘Caminho Suave’, folha por folha, somente iria para a segunda série quem conseguisse terminar a leitura da cartilha sem gaguejar. Para mim era interessante e prazerosa mesmo sendo uma cartilha [...]. (Relato de uma aluna)

Nos relatos de um aluno e de uma aluna na faixa etária de cinquenta anos, registra-se o analfabetismo presente tanto no Paraguai como no Brasil. Na década de 1970 conforme estatísticas oficiais⁴, o número médio de tempo de estudo no Brasil, correspondia a 2, 6 anos para os homens e 2,2 anos para as mulheres, 43% da população era analfabeta, 4% da população terminava o então segundo grau, atual Ensino Médio. No Ensino Superior a estatística cai para 2% da população brasileira. Quanto aos dados do Paraguai, Goiris (1996), apresenta um quadro com o título “Aspectos econômicos-sociais do Paraguai em transição”, no qual a partir de dados coletados do jornal paraguaio ABC Color de 15/08/1993 registra-se que 27% da população paraguaia é composta de analfabetos, uma cifra que à época da edição, se encontrava estável há 40 anos.

Os seis anos de escola primária a terminei em sete anos, percorrendo cinco escolas de diferentes acampamentos e cidades; sempre beirando o Rio Paraguai [...] se meu pai

³ Esta referência foi citada anteriormente, contudo considerei relevante novamente trazer parte do trecho transcrito devido às informações registradas e comentário realizado,

⁴ Estatística da Educação Básica no Brasil. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484154/Estat%C3%ADsticas+da+educa%C3%A7%C3%A3o+b%C3%A1sica+no+Brasil/e2826e0e-9884-423c-a2e4-658640ddff90?version=1.1>. Acesso em: 22 ago. 2020.

fez um *pupitre*⁵ para eu não ficar fora da escola, foi porque no fundo estava preocupado por minha alfabetização. Ele e minha mãe, como quase todos os habitantes da localidade eram analfabetos [...]. (Relato de um aluno paraguaio)

Aos meus 8 anos filha de mãe analfabeta e pai que só sabia fazer as contas de mais e de menos. D. [...] minha mãe me contou que na geração dela lá na Caatinga do Nordeste filhas mulheres não iam às escolas, pois para casa-se, costurar, cinzir e servir ao marido e filhos não era preciso conhecer o mundo das letras. (Relato de uma aluna brasileira)

Nos registros sobre as experiências vivenciadas nas escolas situadas no campo, as dificuldades e alegrias, e principalmente o desejo de estudar são recorrentes:

Nasci no Rio Grande do Sul, cinquenta anos atrás, naquela época, as crianças em geral, não tinham contato com livros antes da fase escolar. Morávamos em uma chácara que ficava a vinte e cinco quilômetros da escola mais próxima, o ônibus passa a quatro quilômetros da nossa chácara e das demais da redondeza, caminhávamos este percurso ida e volta todos os dias, inverno ou verão.

Algumas pessoas podem achar difícil, realmente era, mas quando somos criança, tudo parece mais fácil, talvez por ingenuidade ou porque desde pequeno aprendi a tornar as coisas mais simples, se tinha que fazer algo, fazia sem pestanejar, até quando o ônibus atolava era uma festa. (Relato de um aluno)

[...] haveríamos de percorrer algumas 'léguas' por uma duas ou três horas, aproximadamente 10 quilômetros. Levamos também presentes de boas vindas ao educador, frango vivo, uma banda de porco, arroz cru, feijão e uma cesta de legumes, segundo minha mãe o Professor chegou recente não teria tempo hábil para criar seus bichos e fazer suas roças. (Relato de uma aluna)

Estudei o primeiro ano do ensino fundamental em uma escola pública localizada em uma fazenda [...] eu chegava até a escola de maneira peculiar, ia no caminhão de leite e acordava muito cedo [...]. (Relato de uma aluna)

No que já foi exposto é possível verificar a diversidade de experiências e vivências dos discentes, sem chegar a adentrar nas questões das etnias, das minorias, das culturas diversas, raciais e outras, uma sala composta por pessoas de diferentes locais de nascimento, idades e experiências escolares, me leva a repensar os instrumentos avaliativos, as metodologias utilizadas na docência, os exemplos que uso para explicar um determinado conteúdo, a necessidade de olhar o outro, sendo este o aluno, como alguém que sempre me ensina. Outrossim, a necessidade de estar permanentemente avaliando o trabalho pedagógico, conseqüentemente leva a pesquisa, uma vez que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.14)

⁵ *Pupitre* – mesa escolar em forma de escrivaninha. Para estudar na escola era necessário ter uma mesa.

As histórias de vida e de escola que leio, ampliam meus conhecimentos a respeito das diferentes instituições escolares ultrapassando o que vivenciei como estudante e professora, os artigos e livros que li e leio ou os filmes e documentários que assisti, seja por lazer ou para me auxiliar nas atividades educativas. Expressões regionais, peculiaridades locais e a constatação de pessoas com minha faixa etária terem observado o uso da palmatória, instrumento “corretivo” de ensino que em mim nunca foi utilizado e que na verdade só vi posteriormente em imagens e filmes de época, uma aluna relata:

(...) o cenário era de uma mesa pequena, um quadro negro, giz e apagador e uma régua de madeira exposta na mesa do Professor depois saberíamos que se tratava da palmatoria cujo objeto asqueroso foi utilizado uma semana depois nas mãos do filho do seu (...) por ter dormido na sala de aula, mãos inchadas e avermelhadas nunca mais o moleque apareceu nas aulas. (Relato de uma aluna)

4. As marcas positivas e negativas das memórias relativas aos professores.

Nos textos as memórias relativas ao percurso nos anos iniciais são recorrentes, uma aluna explica sua opção:

Quando a proposta de um relato da vida escolar foi lançada, senti que seria uma obrigação relatar sobre minha vivência dos anos iniciais, pois ela contribuiu de forma determinante para minha formação atual.

O excerto acima nos remete ao que Catani, Bueno e Souza (2000. p. 165) explicita:

[...] muitos dos aspectos envolvidos nas imagens e representações do professor estão enraizados nas experiências infantis e na cultura do ensino, forjadas, especialmente, no contato e na convivência dos indivíduos com a própria escola. Diferentemente do que poderia supor, tais experiências não desaparecem da história do sujeito.

Relacionando ou não com os materiais de estudo, afloram as referências aos professores que marcaram suas vidas escolares. No que concerne as boas lembranças, afloram o registro das relações de afeto, da atenção às potencialidades do educando, do incentivo para continuar a escolaridade. As lembranças ruins ou traumáticas são ligadas à comportamentos de violência pedagógica, preconceito, discriminação e falta de “domínio de conteúdo”.

Enfim cheguei à oitava série (hoje nono ano) foi quando o pesadelo começou, hoje revendo toda a situação, vejo que conforme citado no livro fomos maus alunos⁶ era só mais uma professora vítima. Estávamos nos primeiros dias de aula quando ela começou a falar e falar sobre a importância da matemática, o vestibular e etc., [...]

⁶ Fomos maus alunos, obra escrita por Rubem Alves e Gilberto Dimenstein, os autores narram suas experiências escolares.

Quando levantei a mão e fiz uma pergunta, ela me ignorou completamente, na outra aula, eu pedi a explicação novamente, foi quando ela disse que alunas como eu ela não perderia tempo, sabia que o meu futuro era casar, ter um monte de filhos e comer pão com mortadela⁷ a vida inteira. (Relato de uma aluna)

Recordo-me com carinho da professora que tive na 1ª e 3ª série, ela sempre foi muito carinhosa e atenta a cada um de seus alunos de uma forma especial, ela pediu pra minha mãe me encaminhar ao oftalmologista porque percebeu minha dificuldade de enxergar de longe e olha só, uso óculos até hoje, a metodologia dela era muito comum, como a dos outros professores, mas o jeito como ela nos tratava, fazia com que nós aprendêssemos mais. [...]. (Relato de uma aluna)

Passei toda a minha primeira série do Ensino Fundamental sem saber ler nem escrever, o que fez com que minha mãe fosse à escola pedir para a professora para que me reprovasse. Contudo, a mesma não acatou ao pedido dela com o argumento de que eu tinha potencial e de que seria um grande desperdício de tempo eu refazer a primeira série. No ano seguinte, com apenas duas semanas na segunda série, eu já sabia ler e escrever. (Relato de uma aluna)

As aulas do Professor (...) figura imponente, respeitadíssima na região mais se assemelhava a visão do purgatório, eu desejava ardentemente que o dia que ele morresse fosse direto alfabetizar o Satanás sem passar pelo purgatório, bicho ruim, dizíamos que se você encontrasse um bicho de chifre e rabo cheirando enxofre as sextas-feiras santas era o Professor (...). (Relato de uma aluna)

Analisando minha vida escolar, tendo como base o texto de Pura Lúcia Oliveira Martins, percebi que faltou uma reflexão por parte de alguns professores sobre a prática pedagógica que eles adotavam. Não procuravam se aprimorar profissionalmente para que nós alunos consequentemente nos desenvolvêssemos também. Um exemplo disso, é de que uma professora que me dava aula na primeira série, sua didática de ensino era colocar os alunos de castigo quando não sabiam a lição, ou até mesmo, bater no aluno com uma régua causando medo e atrofiando sua capacidade de aprendizagem. (Relato de um aluno)

O relato de memória que referencia Alves e Dimenstein (2003, p.97) concerne a um trecho do livro no qual há uma reflexão sobre as condições de trabalho do professor:

Você colocou o professor como uma vítima e eu concordo. Por que se exige que o professor seja transdisciplinar, interdisciplinar, multidisciplinar, transversal, e não se dá tempo para que ele pesquise? Como é possível exigir de um professor que ele seja um autor, um inovador, se ele não tem tempo nem ócio para ser um transgressor do conhecimento? Se ele, no dia seguinte, tem de dar dez aulas? Acho que temos um processo de vitimização na educação em que o aluno é uma vítima e o professor é outra vítima. E a escola também passa a ser vítima de uma visão que a cidade tem do conhecimento [...].

Procuro apresentar e discutir nas salas de aula as matrizes curriculares estadual e municipal. Vou analisando com as turmas os cenários possíveis de número de turmas e quantidades de alunos. Comento a possibilidade do exercício da docência em duas ou mais instituições escolares, com diversidade de estrutura física, acesso a material didático-

⁷ A autora do texto é paulista, pão com mortadela é um lanche comum na região.

pedagógico, gestão escolar e corpo docente, friso que é necessário procurar “se colocar na pele de”, para registrar que ao adentrar em uma sala de aula para observar, seja na condição de pibidiano, futuro estagiário e/ou futuro residente pedagógico, estas questões há de ser consideradas. Como ser um bom/boa professor(a), dadas as condições de trabalho e vida? Como o(a) professor(a) pode organizar seu tempo de trabalho, familiar e de lazer? Na atualidade, acresci outras reflexões, tais como: Considerando o momento da pandemia do covid-19, no qual a escola, a universidade, se “transportou” para os locais de residências, quais frutos positivos e negativos teremos desta experiência? Como os professores e as professoras que atuam na Educação Básica estão realizando suas atividades e funções? Para tanto convidei um ex-aluno e uma ex-aluna dos cursos de Letras Português /Inglês e Português /Espanhol, professores na Educação Básica para compartilharem suas experiências em uma aula por web conferência desta vivência.

As reflexões que proponho objetiva que os discentes cheguem a cogitar: - Dada as condições reais, o diagnóstico que faço do local que trabalho, como posso contribuir para a melhoria desta realidade? Que estratégias e ações unitárias ou em parceria posso realizar minimizar problemas constatados?

5. Escolhi a licenciatura!

Em alguns trabalhos está registrado que foi devido a influência de um/uma ou mais professores/professoras durante o percurso na Educação Básica que os acadêmicos/acadêmicas escolheram a licenciatura.

Identifiquei-me tanto com os professores da onde conclui meu Ensino Médio que minha segunda opção para se inscrever num curso foi esta área que estou, foi com minha professora de Português [...] que me deu aula desde o primeiro ano até o terceiro ano do Ensino Médio. Ela tinha táticas com os alunos que para mim, funcionava muito bem, não faltava uma aula dela, ela despertava a leitura dos alunos, fazia projetos relacionados à matéria, enfim, me despertou mais essa paixão por Língua Portuguesa então, minha segunda opção, foi se inscrever para Pedagogia ou Letras [...]. (Relato de uma aluna)

Já no ensino médio, tudo era maçante, até que no segundo ano, um professor de filosofia me despertou um interesse sobre os filósofos, suas obras, nessa época gostava muito do Sócrates, sabia tudo sobre ele, me animei, tanto que no primeiro ano de ENEM passei para a filosofia, depois acabei desanimando com a área. Mas o gosto por filosofia ficou”. (Relato de uma aluna)

Uma situação que me marcou muito foi a fala de um professor de Geografia que tive, o qual considero um dos maiores motivos de minha escolha pela docência. Logo que assisti “Uma professora muito maluquinha”, relatei este mesmo professor a protagonista do filme, por sua paixão pelos alunos e desejo de transformar vidas. (Relato de uma aluna)

No início da disciplina Didática nos cursos de Licenciatura em Letras, nos quais leciono, questiono os discentes sobre suas origens; quais escolas estudaram, quais modalidades ou especificidades, se Letras é o curso que sempre desejaram fazer, se não, o porquê estão no curso. Em muitas turmas encontrei uma grande maioria de respostas sobre a escolha do curso, que não se relaciona ao desejo de atuar na docência exceto uma turma. Ler nos textos analisados relatos que a escolha da docência ocorreu devido à professores e professoras durante a vida escolar, nos leva a reflexão sobre a responsabilidade do professor que Paulo Freire nos apresenta em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na “falta” de juízo. O pior juízo é o que considera o professor uma ausência na sala. (1996, p.61)

6. Reflexões discentes e docentes

Nos textos foram apresentadas reflexões sobre a metodologia utilizadas nas salas de aula ao longo das experiências e vivências na Educação Básica, observações sobre a gestão escolar; sobre as mudanças ocorridas em algumas escolas nas quais estudaram e depois retornaram como bolsistas do Programa de Iniciação à Docência – PIBID; discutiram sobre a relação professor-aluno e a relação aluno-aluno; sobre a importância das ações complementares como material escolar e merenda; pensaram sobre a educação, construíram cenários a respeito de sua futura atuação, em textos que com maior ou menor comprometimento com a tarefa solicitada, alcançou o objetivo de realizar uma triangulação ao redigir um texto no qual materiais impressos, vídeos e debates realizados em sala auxiliando a rememorar suas histórias escolares e a pensar sobre a educação e o magistério.

Acredito que o professor deve assumir o papel de mestre e não de transmissor de conhecimento. Sua função é mais sublime que de se equiparar a um aparelho eletrônico que simplesmente transmite alguma coisa [...] (Relato de um aluno)

Durante meu percurso na Educação Básica, ensino fundamental e médio, a merenda escolar não era oferecida sistematicamente na escola. Havia dias em que as merendeiras passavam pelas salas-de-aula recolhendo contribuições dos alunos, dávamos dinheiro para compra de legumes, verduras, a fim de complementar a sopa. Nesse tempo, parece que a merenda escolar não era obrigatória, faltavam recursos, não sei como, simplesmente não tinha comida todos os dias. [...] (Relato de uma aluna).

Uma das maiores lições que os filmes indicados, os textos trabalhados em sala de aulas e minhas experiências (tanto discente, quanto como docente – depois do ingresso

na graduação), é que a construção efetiva de um aprendizado – no contexto escolar – se dá com o alinhamento entre o corpo discente e docente, com a participação da família (a primeira instituição a que somos submetidos quando nascemos). Quando encontramos uma escola que propicia a autonomia (em determinado grau) do conhecimento por parte dos alunos, uma escola estruturada, uma escola que comporte apenas a quantidade certa de alunos que seu espaço permite, temos a certeza de que a educação ofertada por essa escola é de qualidade, é uma educação formadora de cidadãos, formadora de pessoas capazes de desenvolver o censo crítico” (Relato de um aluno)

Lecionar em cursos de licenciatura foi uma escolha ao longo da minha vida profissional, se constitui um desafio e é um aprendizado constante. Um desafio porque muitas vezes as disciplinas pedagógicas não são dispostas na matriz curricular considerando conhecimentos prévios e, outras vezes são concentradas nos anos iniciais quando os(as) calouros(as) esperam iniciar os estudos com as disciplinas referentes à área que escolheram. Como trabalhar nas turmas sem massificá-las? Como considerar as especificidades dos cursos e ao mesmo tempo dar significação aos conteúdos que para muitos parecem tão distantes das escolhas profissionais em um primeiro momento?

O “diagnóstico” das turmas que realizo me auxilia na (re)avaliação de filmes e documentários que escolho para analisar junto aos alunos ou solicitar que assistam em outros espaços para posterior socialização. Em algumas turmas, devido a pergunta que é recorrente “Como fazer um aluno gostar de ler?“, indiquei um filme francês, *Minhas tardes com Margueritte*, *La Tête en Friche*, produção francesa, na qual Germain (Gérard Depardieu), um jardineiro e feirante adulto, analfabeto funcional que conhece uma idosa, Margueritte (Gisèle Casadesus) em um parque, que passa as tardes lendo e alimentando os pombos.

No enredo a relação entre os personagens ocorre inicialmente através das leituras e comentários que Margueritte faz do livro *A Peste* (Albert Camus), Germain ao conversar com ela sobre o livro volta a se interessar pela leitura, sua vida e sua visão de mundo se modificam. A personagem Margueritte possui prazer na leitura e contamina Germain. Uso o filme de forma simbólica para ilustrar que se faz necessário o conhecimento rigoroso dos conteúdos, e sobretudo o gosto e o exercício da prática da leitura pelo docente, quanto mais se for da área da Letras!

Posteriormente passei a incluir o filme “Uma professora muito maluquinha” para responder de forma lúdica a inquietação da questão formulada pelos discentes. Obra homônima ao livro do Ziraldo, que em uma entrevista declarou que a professora do filme é uma personagem por ele criada a partir de bons professores que teve em uma “escola avançada”,

provavelmente uma escola experimental que o mesmo frequentou nos anos 1940. Tenho procurado ampliar as referências nacionais e latino-americanas, para pensar nas aulas de Didática a “visão” dos que aqui moram e trabalham (e de certa forma divulgar a produção do lado de cá do mundo em contraponto com os EUA e a Europa).

Um dos textos analisado teve por título: “A construção escolar do educando, tijolo a tijolo”. O acadêmico redigiu seu texto, no qual cada trecho colocou subtítulos remetendo as etapas da construção de uma casa, utilizando os conhecimentos de sua primeira formação, Engenharia Civil, após ter passados 25 anos sem estudar e ter concluído seus estudos na Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos, já aposentado decidiu fazer uma segunda formação e escolheu a docência.

Lecionar em cursos de licenciatura foi uma escolha ao longo da minha vida profissional, se constitui um desafio e é um aprendizado constante. Um desafio porque muitas vezes as disciplinas pedagógicas não são dispostas na matriz curricular considerando conhecimentos prévios e, outras vezes são concentradas nos anos iniciais quando os(as) calouros(as) esperam iniciar os estudos com as disciplinas referentes à área que escolheram. Como trabalhar nas turmas sem massificá-las? Como considerar as especificidades dos cursos e ao mesmo tempo dar significação aos conteúdos que para muitos parecem tão distantes das escolhas profissionais em um primeiro momento? São questões que diuturnamente são pensadas e (re)pensadas na prática pedagógica. O trabalho com a redação deste texto híbrido recheado de memórias e conteúdo é uma das tentativas que tenho feito, além de realizar atividades interdisciplinares com docentes da área de Letras.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, M, A.; NOLASCO, C. Biogeografia – Descolonizar O Ser, Sentir E Saber Para A Transmissão Do Conhecimento nas Artes Visuais, In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26., 2017, Campinas. *Anais ...* Campinas, 2017. p.883-898 Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/EAV/26encontroBESSAOLIVEIRA_Marcos_Ant%C3%B4nio_NOLASCO_C%C3%A9zar.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020

BESSA-OLIVEIRA, M. A. BIOGEOGRAFIAS ARTÍSTICAS COMO EXTERIORIDADE DOS FAZERES – corpos latinos fronteiriços. *Cadernos de Estudos Culturais: Exterioridade dos Saberes: NECC 10 ANOS*, Campo Grande-MS, v. 2, p. 101-140, jul./dez. 2018

BRANDÃO, Carlos R. *Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria*. In: AZEVEDO, José Clóvis de, GENTILLI, Pablo, KRUG, Andréa e SIMON, Kátia (orgs). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000, p. 449-462.

BRASIL, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Estatística da Educação Básica no Brasil*, 1996. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484154/Estat%C3%ADsticas+da+educa%C3%7%C3%A3o+b%C3%A1sica+no+Brasil/e2826e0e-9884-423ca2e4658640ddff90?version=1.1>. Acesso em: 22 ago. 2020.

CATANI, D. B.; BUENO, B. A. O.; SOUZA, C. P. de “O amor dos começos”: por uma história das relações com a escola. *Cadernos de Pesquisa*, n. 111 p. 151-171, dez./2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n111/n111a08.pdf> . Acesso em: 22 ago. 2020.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. *Fomos maus alunos*. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. 128p.

GOIRIS, F. A. *Transição político-democrática no Paraguai: a trajetória oposicionista do Partido Liberal Radical Autêntico - PLRA (1989-1993)*. 1996. 247 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra., 1996. 116p

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e de formação*. São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

MIGNOT, Ana Chrystina; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003. 183p.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. 153p.

SANTOS, Taciana Brasil dos Santos. *Memória discente e formação docente: análise de relatos de estudantes de pós graduação*. *Revista Docência do Ensino Superior* v. 3, p. 47 a 61, 2013. ISSN 2237-5864. Disponível em: <https://www.ufmg.br/giz/wp-content/uploads/2014/10/06-MEMORIA-DISCENTE-E-FORMACAO-DOCENTE.pdf?ba40e4>. Acesso em: 14 ago. 2020.